

**GRAMSCI E CLAUSEWITZ: UM DIÁLOGO SOBRE GUERRA,
GUERRA DE POSIÇÃO E GUERRA DE MOVIMENTO**
*Gramsci and Clausewitz: a dialogue on War, War of Position and War of
Manoeuvre*
*Gramsci y Clausewitz: un diálogo sobre guerra, guerra de posiciones y
guerra de maniobra*

Anna Carolina Monéia Farias¹

RESUMO:

O general prussiano, Carl von Clausewitz, autor da obra “Da Guerra”, é um dos maiores estudiosos da temática da guerra, isto porque um dos seus principais pensamentos postula que a guerra seria uma “continuação da política por outros meios”. Clausewitz teve grande importância no pensamento do italiano marxista, Antonio Gramsci, no tocante a este tema. A partir de uma abordagem histórica, utilizando, sobretudo, a principal obra de Clausewitz, “Da Guerra”, e os escritos nos cadernos carcerários de Gramsci, objetiva-se elucidar as contribuições da teoria clausewitziana em Gramsci, principalmente no desenvolvimento da sua compreensão por guerra e das categorias de guerra de movimento e guerra de posição, destacando as evidências que permitem observar o diálogo entre os autores, assunto este pouco examinado na academia.

PALAVRAS-CHAVE: Gramsci. Clausewitz. Guerra. Política.

ABSTRACT:

The Prussian general, Carl von Clausewitz, author of “On War”, is one of the greatest scholars of war, because one of his main thoughts postulates that war is a “continuation of politics by other means”. Clausewitz has a great importance in the thought of the Italian Marxist, Antonio Gramsci, about this theme. From a historical method and using Clausewitz’s main work, “On War”, and the Gramsci’s Prison Notebooks, the objective is to elucidate the contributions of Clausewitzian theory in Gramsci, mainly in the development of his understanding of war and the categories of war of manoeuvre and war of position, highlighting the evidence that allows observing the dialogue between the authors, a subject that has been not so examined in the academy.

KEYWORDS: Gramsci. Clausewitz. War. Politics.

RESUMÉN:

El general prusiano Carl von Clausewitz, autor de “De la guerra”, es uno de los más grandes estudiosos de la guerra, porque uno de sus principales pensamientos postula que la guerra sería una “continuación de la política por otros medios”. Clausewitz fue de gran importancia en el pensamiento del marxista italiano Antonio Gramsci sobre este tema. Desde un método histórico, utilizando, sobre todo, la obra principal de Clausewitz, “De la guerra”, y los escritos de los cuadernos de la cárcel de Gramsci, el objetivo es dilucidar las aportaciones de la teoría clausewitziana en Gramsci, principalmente en el desarrollo de su comprensión de Gramsci de la guerra y las categorías de guerra de maniobra y guerra de posiciones, destacando la evidencia que permite observar el diálogo entre los autores, un tema poco examinado en la academia.

PALABRAS CLAVE: Gramsci. Clausewitz. Guerra. Política.

INTRODUÇÃO

Antonio Gramsci é um dos principais autores do pensamento marxista. Seus escritos contemplam críticas e reflexões sobre política, história e, até mesmo, linguística, tendo sido produzidas enquanto esteve encarcerado, durante o período do fascismo na Itália. A temática da guerra, ainda que tenha recebida certa atenção, não foi o cerne da reflexão gramsciana. Ainda assim, Gramsci se dedica ao tema, retomando nos ensinamentos de Carl von Clausewitz, um dos maiores estudiosos da guerra e política, aspectos do estudo da guerra que serão base para o desenvolvimento da sua concepção sobre o assunto.

Diante disso, algumas indagações se apresentam: até que ponto Clausewitz serviu de inspiração para Gramsci no tocante à guerra? Existem divergências no pensamento de ambos os autores? Sendo Clausewitz um general vivido em outro contexto e inserido em outra esfera do que o autor italiano, de que forma se insere os estudos e a discussão sobre guerra na filosofia da práxis, isto é, no marxismo na visão gramsciana? A proposta deste texto não é esgotar todos os aspectos passíveis de comparação entre os dois, mas elucidar pontos importantes que demonstram um diálogo nos seus pensamentos.

Portanto, busca-se explorar as influências do general Carl von Clausewitz no pensamento gramsciano, principalmente no desenvolvimento do seu entendimento por guerra e dos conceitos de guerra de movimento e guerra de posição. Dessa forma, diante da relevância dos estudos clausewitzianos sobre guerra e considerando que não há uma vasta produção que relacione os dois autores, é que o presente trabalho se justifica.

Sendo assim, o texto faz uma breve apresentação dos autores e demonstra a concepção de guerra para ambos, de modo a relacionar as duas interpretações, bem como, possíveis distanciamentos. A partir de um referencial teórico que recai essencialmente nas principais obras de ambos os autores – “Da Guerra” de Clausewitz e “Cadernos do Cárcere” de Antonio Gramsci, este trabalho pretende apresentar algumas reflexões que possam contribuir para esclarecer alguns pontos das indagações supracitadas.

GRAMSCI E CLAUSEWITZ: DA POLÍTICA À GUERRA

Antonio Gramsci e Carl von Clausewitz são pensadores de diferentes contextos históricos, regiões e formações. Além disso, os dois autores se debruçam principalmente em temáticas diferentes e, por essa razão, é importante, primeiramente, fazer algumas ressalvas metodológicas. Gramsci e Clausewitz estão imersos em contextos históricos distintos e o respeito a essas particularidades é a premissa básica para que não haja uma “colagem” de elementos de diferentes abordagens sem considerar as diferenças entre si. Desse modo, o ponto central da discussão que une Clausewitz e Gramsci, neste trabalho, refere-se à teoria da guerra. Tendo isto

considerado, passar-se-á a uma breve apresentação dos autores em questão.

Antonio Gramsci (1891-1937) foi um teórico e político italiano nascido na Sardenha, Itália. Autor de importantes obras para o pensamento marxista, Gramsci foi cofundador do Partido Comunista italiano e atuou como deputado, fazendo oposição ao governo, no período do regime fascista do então primeiro-ministro e ditador italiano, Benito Mussolini, o que o levou à sua condenação de 20 anos de prisão. Nesse período recluso, Gramsci escreveu o que viria a ser postumamente os “Cadernos do Cárcere”, uma robusta produção intelectual e política. Como pontua Coutinho (2011), a sua intenção inicial seria utilizar da escrita como uma forma de enfrentar as dificuldades materiais e morais impostas pelo cárcere, de modo que sua intenção seria escrever algo “desinteressado”. Ao todo, são 33 cadernos em que 4 deles são completamente dedicados ao exercício da tradução, enquanto os demais, 29, versam, a maior parte, sobre apontamentos da sua própria autoria (COUTINHO, 2011).

Carl von Clausewitz (1780-1831), por sua vez, foi um general prussiano e autor de uma das obras mais relevantes no tocante à literatura militar, “Vom Kriege” (2003), ou “Da Guerra” (s.d.) na versão traduzida. Enquanto Gramsci se deparava com o cenário do fascismo italiano, Clausewitz tinha como palco o contexto da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas. A sua criação se deu como um desdobramento das suas considerações sobre esse momento, de forma que a sua teoria está intrinsecamente relacionada às suas observações e à experiência vivida.

Desde muito cedo, aos doze anos de idade, Clausewitz esteve imerso no meio militar atuando como soldado profissional. Mas, para além da sua atuação como militar, o general foi um intelectual de sua época, tendo produzido escritos militares ainda jovem. Anos mais tarde, começara a escrever sua mais importante obra, a qual nunca chegou a ser completamente finalizada e revista². “Da Guerra” (s.d.) conta com reflexões sobre tática, estratégia e questões mais práticas, mas também, e principalmente, oferece uma gama de estudos sobre a natureza da guerra, o nexos com a política e a historicidade de sua abordagem da guerra (HOWARD, 1983).

Diferentemente das principais correntes teóricas de sua época, a compreensão clausewitziana parte de uma perspectiva que vai além de observações de acontecimentos no seu período histórico e da criação de “manuais de guerra”. O seu objetivo era desenvolver uma análise teórica de modo a examinar o seu funcionamento geral, compreendendo-a ante as distintas manifestações históricas, apenas tomando para a teoria aquilo que fosse da sua essência quanto um fenômeno político e social. Diante disso, a dialética clausewitziana busca entender a ontologia da guerra, compreender aquilo que é da sua natureza, isto é, aquilo que se repete mesmo diante de diferentes manifestações, tal como um fenômeno complexo e que necessita também de adaptações. Logo, uma teoria não poderia se apegar a aspectos datados, de modo que a sua contribuição fosse um auxílio para a compreensão às diferentes manifestações, mas que também era posto a necessidade de cada era desenvolver a sua própria teoria. É a partir dessa abordagem historicista, que Clausewitz pontua a possibilidade de atualização da sua obra (CLAUSEWITZ, 2003, p. 29)³.

Desse modo, desde a publicação de “Da Guerra”, a obra do general possibilitou uma pluralidade de possíveis interpretações, tanto no seu tempo quanto em diferentes períodos e, até mesmo, na atualidade. Com isso, é fundamental se ater que a proposta do autor não é uma “aplicação mecânica” dos conceitos propostos, “mas na fidelidade de um método” (ARON, 1986, p. 174). Cabe aos seus intérpretes respeitar as particularidades do próprio contexto em que o “Da Guerra” foi escrito.

Dentro do marxismo, sabe-se que Clausewitz foi lido por muitos autores, dos quais pode-se destacar Lenin (1979 apud PASSOS, 2014a) e Trotsky (1977 apud PASSOS, 2014a), bem como Engels e Marx⁴. Segundo Ciccarelli (2017, p. 352), Gramsci tinha um conhecimento parcial da obra de Clausewitz, até mesmo pela falta de tradução em italiano de “Vom Kriege” na época. O contato de Gramsci com a obra do general não foi direta, de modo que não se sabe ao certo como o pensamento de Clausewitz chegou ao conhecimento de Gramsci. Talvez, e o mais provável, possa ter sido por conta de Croce, através de um pequeno livro “Azione, Successo e Giudizio. Note in margine al “Vom Kriege” def Clausewitz”, o qual, segundo consta em nota (GRAMSCI, 2007, p. 417), Gramsci conhece. Ou ainda, através de Emilio Canevari, quando no parágrafo 50, dos Cadernos Miscelâneos - Caderno 17 (1933-1935), volume 3, Gramsci (2007) faz referência à Clausewitz⁵, a qual, está reproduzida⁶ em livro de Emílio Canevari. Todavia, como o próprio autor aponta:

§ 42. *Passado e presente*. Não existe na Itália uma tradução da obra de Clausewitz sobre a guerra [179]. E não parece que Clausewitz fosse conhecido pela velha geração: num artigo da *Nuova Antologia* (16 de dezembro de 1933, “Appunti sulla costituzione degli organi di commando in guerra”), do Almirante Sirianni, o nome é sempre referido como “Clausenwitz”. Deve-se relacionar este fato com a afirmação feita pelo General De Bano (em suas memórias editadas pela Mondadori) de que os oficiais de sua geração não se ocupavam de política, não liam os jornais, não sabiam muitas vezes nem mesmo quem fossem os ocupantes do Governo. É fácil imaginar qual pudesse ser o nível de cultura dos oficiais da geração passada: um oficial que se desinteressa da vida política de seu país assemelha-se bastante a um mercenário de tipo medieval. Parece que o primeiro livro a resumir o pensamento militar (e político) de Clausewitz é o de Emilio Canevari, *Clausewitz e la guerra odierna*, Roma, 1934 (ou 1933) (GRAMSCI, 2007, p. 352).

Como demonstrado, há – ainda que poucas – referências à Clausewitz nos Cadernos do Cárcere: caderno 19, volume 5⁷, página 103, e no caderno 17 (1933-1935) nos cadernos miscelâneos do volume 3, nas páginas 352 e 353. Mas ainda assim, há outros trechos, mesmo sem mencionar o autor, que presumem o conhecimento – ainda que parcial – de Gramsci sobre a obra de Clausewitz.

Tal exposição sobre o conhecimento do autor sardenho sobre o prussiano se faz importante para justificar os limites desse diálogo. Portanto, não se presume neste texto esgotar os pontos em comum e divergentes entre os autores, mas sim elucidar algumas contribuições do pensamento de Clausewitz ao Gramsci no tocante à guerra e, também,

no seu desenvolvimento dos conceitos de guerra de posição e guerra de movimento. A partir da trajetória de ambos pode-se observar como Clausewitz chegou ao tema da política através das suas experiências em campo militar, enquanto Gramsci, como político e filósofo, chegou à discussão da guerra avaliando situações políticas que levaram a momentos de conflito, tal como no período do Risorgimento e da Primeira Guerra Mundial. Frente a isso, é de suma importância fazer uma breve explanação sobre a teoria clausewitziana.

O QUE HÁ DE CLAUSEWITZ EM GRAMSCI?

Como foi pontuado anteriormente, a obra “Da Guerra” se deu como um desdobramento das suas considerações a respeito da era napoleônica, de forma que a sua teoria está intrinsecamente relacionada às suas observações e à experiência vivida nesse contexto. Clausewitz identificou esse período como uma inovação histórica devido a intensidade da mobilização de recursos utilizados em batalhas decisivas, manifestadas por extremo uso de violência, buscando a submissão do oponente. Scharnhorst, mentor de Clausewitz, observava que as transformações na sociedade francesa refletiram diretamente na esfera militar⁸, de forma com que agora as forças francesas fossem compostas por soldados populares com grande sentimento patriótico e com grande força moral, com uma superioridade psicológica alimentada pelo entusiasmo revolucionário, enquanto que na Prússia, ou demais Estados, existia um exército de “convocados para a guerra [que] tinham sua participação na vida política nacional limitada. O povo era formado por soldados, mas não por cidadãos portadores de direitos e liberdade” (LUTZ, RINK, VON SALISCH, 2010; SOUCHON, 2007, p. 21-23).

Mas tendo em vista que a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas representaram um momento único diante de sua significância, poderia um único conceito de guerra contemplar desde uma observação armada até uma guerra de aniquilação, tal como vista nas batalhas napoleônicas? Como poderia a guerra ser conceituada em uma espécie de conceito teórico puro, mas que também representasse a guerra na sua realidade – como um fenômeno comparável a um camaleão, isto é, variável conforme as diferentes conjunturas e situações?

Frente a este contexto e considerando todas as demais situações de conflito já compreendidas no tempo de Clausewitz, o general percebeu que o entendimento da natureza da guerra não poderia ser concebido em um conceito unitário, mas visto a partir da dualidade da guerra, como um polo que representasse a Guerra Real e outro a Guerra Absoluta. Em termos gerais, a guerra real corresponde àquela que existe em toda a sua complexidade, isto é, suscetível às probabilidades, acasos e imprevistos, e que abarca um nível de violência e hostilidade mais branda, enquanto que a guerra absoluta trata-se de uma fantasia lógica, elaborada em termos extremos e abstratos, em que não há limitação para o uso de violência e nem leis que pudessem regê-la. A guerra

absoluta prevê o aniquilamento do inimigo utilizando a força máxima de modo instantâneo.

A teoria da guerra passa então a ser compreendida a partir dessa dualidade, a qual não tinha a pretensão de definir todas as guerras como pertencentes a um desses pólos, mas entendia que esses pólos existiam em reciprocidade e interação, “Wechselwirkung”, em todas as guerras. Tendo compreendido a ontologia da guerra a partir da sua dualidade, a seguinte questão que Clausewitz se depara é “como seria possível que cada guerra singular e particular seja igualmente infundida com esse paradoxo?”⁹ (CORMIER, 2016, P. 124). Em outras palavras, o que ambas teriam em comum? E a resposta, ou ainda, o ponto de equilíbrio entre os conceitos seria a própria política (CORMIER, 2016, p. 125, 137, 140).

Segundo Clausewitz, é a política que conduz a guerra, isto é, para além do ato violento, está a pretensão de se atingir determinados fins políticos, ou em suas palavras, “a guerra é a continuação da política por outros meios”¹⁰. Isto significa que todo o caráter da guerra em termos estratégicos e do empreendimento são determinados pela política e defendem seus interesses, não sendo de forma alguma autônoma (CLAUSEWITZ, 2003, p. 511). No Livro VIII, Capítulo VII, dentro de um contexto em que Clausewitz discute os diferentes pontos de vista (dos soldados, dos políticos, dos administradores etc.) na guerra, ele entende que todos esses devem ser subordinados à política. Clausewitz escreve:

Que a política assuma, unindo e equilibrando em si, todos os interesses da administração interna, também os [interesses] da humanidade, e tudo mais que o entendimento filosófico poderia trazer; pois a política não é nada em si, mas é um mero depositário de todos os interesses contra outros Estados. Que elas tenham uma direção errada, que possam servir preferencialmente à ambição, aos interesses privados e à vaidade dos governantes, não cabem aqui; pois em nenhum caso a Arte da guerra pode ser considerada como sua mentora, e nós podemos aqui considerar a política somente como representante dos interesses da sociedade (CLAUSEWITZ, 2010, p. 469, tradução livre, grifo nosso)¹¹.

Dessa forma, entende-se que “a guerra é um ato de relações humanas”¹² (CLAUSEWITZ, 2003, p. 86) e, portanto, faz parte da existência social do homem. Trata-se de um choque de interesses que é resolvido pelo derramamento de sangue e este seria o único modo pela qual ela difere de outros conflitos. A distinção da guerra aos outros fenômenos do mundo político é a sua própria natureza violenta, que envolve o embate de inimigos. Logo, a guerra é uma manifestação da política em defender seus interesses diante de alguma contrariedade, compreendendo, assim, a construção clausewitziana de ser a guerra “a continuação da política por outros meios”.

Em suma, a guerra é uma continuação da política, pois o general entende a política como a “representante dos interesses da sociedade”, de modo que seja uma extensão das relações sociais e humanas, um choque entre interesses divergentes e pertencente “à lógica dos conflitos de uma dada sociedade” (PASSOS, 2014, p. 117).

No que diz respeito à política, o ponto de vista condutor da guerra deve determinar as suas principais linhas de ação. Sendo a guerra, portanto, um instrumento

da política, é, para o general, evidente que o melhor ponto de vista para a condução da guerra é o da própria política. Isso significa que a política é um espaço, onde se aglomera diferentes pontos de vista – como um mero depositário e administrador de todos os interesses – e onde apenas um é tomado. O julgamento final é feito por um grupo de decisões políticas que elaboram, partindo da visão política, os planos da guerra (CLAUSEWITZ, s.d., p. 720).

Não considerando as origens da motivação política – que, mais uma vez, para Clausewitz, deveria partir dos interesses da sociedade – tem-se que a relação entre guerra e política é, portanto, orgânica, de modo que não há separação entre ambas em hipótese alguma. Assim sendo, está presente até mesmo nas formas mais extremas de guerra, não sendo uma atividade autônoma. O trecho a seguir atesta isso:

Então, para retornar ao ponto principal, se é também verdade, que em um tipo de guerra a política parece desaparecer completamente, enquanto que no outro tipo ela se destaca muito claramente, no entanto, pode-se afirmar, que um é tão político quanto o outro; pois, considerando a política como a inteligência do Estado personificado, então, entre todas as constelações, que os seus cálculos devem ser compreendidos, pode-se ainda entender onde a natureza de toda relação exige a uma guerra do primeiro tipo. Somente na medida em que a política não é entendida como uma percepção geral, mas como a concepção convencional de uma violência evitada, cautelosa, astuta e até desonesta, poderia o último tipo de guerra pertencer a ela [política] mais do que a primeira (CLAUSEWITZ, 2010, p. 16, tradução livre)¹³.

Diante disso, a política descrita como a “inteligência do Estado personificado” mostra que ela é o intelecto da guerra, a qual não pode ser entendida como um fim em si mesmo. A interpretação de Clausewitz coloca a política no centro da ação militar, como a inteligência que guia os seus esforços. Ele tira da guerra a sua própria auto justificação e coloca-a como subordinada à política, evidenciando, assim, que a essência ética da guerra está nas suas próprias formulações. Compreendendo a política em relação ao próprio ser humano e as relações sociais, a teoria de Clausewitz se fundamenta em uma perspectiva atemporal, fixada em sua essência mesmo diante de diferentes manifestações. A guerra, portanto, é a escolha de se utilizar a força para defender “todos os [seus] interesses contra outros Estados”.

É justamente quanto a esta questão da representação dos interesses da sociedade que Gramsci vai além do pensamento de Clausewitz. Como foi apontado anteriormente, o estudo da guerra não é a principal área que Gramsci se dedica. A obra do autor sardenho concentra-se com maior ênfase na reflexão sobre a ação e as instituições políticas, em outras palavras, em todas as esferas do ser social relacionado à política. Afinal, “‘tudo é política’, seja a filosofia, a história, a cultura ou mesmo a práxis em geral” (COUTINHO, 2011, p.108), mas é claro que, partindo disto e reafirmando a lógica clausewitziana de que a guerra também é política, o estudo da guerra também ganhe algum espaço dentro da sua reflexão.

Ainda que não tendo citado diretamente Clausewitz, Gramsci adere à máxima do general sobre o nexos entre guerra e política: “Também a guerra em ato é ‘paixão’, [...] é um momento da vida política, é a continuação, sob outras formas, de uma determinada política” (GRAMSCI, 2007, p.25), do mesmo modo que concorda que a direção militar deve estar sempre subordinada à direção política (GRAMSCI, 2012, p. 103). Mas a guerra, para Gramsci, ou melhor, essa relação com a política, tem um sentido mais profundo do

que o discutido por Clausewitz (s.d.). Na visão gramsciana, existe um nexo entre as relações interestatais e as relações sociais fundamentais. Isto é, trazendo uma interpretação marxista para o tema, Gramsci observa que as guerras não representam apenas conflitos entre Estados, e sim conflitos entre as classes dirigentes internacionais, mas que também tem repercussões internas, visto que “ela é a expressão armada do conflito de classe” (CICCARELLI, 2017, p. 352).

Segundo o autor, o Estado moderno representa apenas os interesses de um estrato dominante nacional, da burguesia, a qual detém a propriedade dos meios de produção e exercem uma hegemonia sobre os grupos subalternos. Contudo, o conceito de hegemonia, no sentido gramsciano, é muito mais complexo do que em perspectiva tradicional e merece um brevíssimo esclarecimento. O conceito elaborado pelo autor corresponde mais do que uma ação política, isto é, trata-se de uma concepção de mundo nas suas mais variadas perspectivas: moral, social, cultural, econômica, ideológica e militar; e se orienta em diferentes âmbitos: local, estadual, continental ou mesmo internacional (PASSOS, 2014b).

Gramsci pontua que essa hegemonia não se daria apenas pela coerção, ou seja, é necessário também que haja consenso, sendo que este deve prevalecer sobre o outro. O consenso corresponde a um consentimento – ainda que não total, nem passivo – dos “subordinados” ao grupo, ou Estado, hegemônico. Esse ponto merece atenção, pois isso é importante para diferir a conceituação de Gramsci à dominação pura e simples (GRAMSCI, 2007).

Portanto, a guerra, na visão gramsciana, está estritamente relacionada à hegemonia. A classe dirigente deve sempre buscar manter o melhor equilíbrio possível, tanto político quanto social, para que a sua hegemonia não seja comprometida em novas ocasiões de conflito (CICCARELLI, 2017, p. 352). Nas palavras de Gramsci:

O grupo dirigente tenderá a manter o melhor equilíbrio, não só para sua permanência, mas para sua permanência em condições determinadas de prosperidade, e mesmo a incrementar tais condições. Mas, dado que a área social de cada país é limitada, será levado a estendê-la às zonas coloniais e de influência, entrando assim em conflito com outros grupos dirigentes que aspiram ao mesmo fim, ou em prejuízo dos quais a expansão de tal grupo deveria necessariamente se verificar, já que também o globo terrestre é limitado. Cada grupo dirigente tende, em abstrato, a ampliar a base da sociedade trabalhadora da qual extrai a mais-valia, mas a tendência abstrata se torna concreta e imediata quando a extração da mais-valia em sua base histórica torna-se difícil ou perigosa além de certos limites, os quais, todavia, são insuficientes (GRAMSCI, 2007, p.88).

Dessa forma, enquanto Clausewitz diria que o objetivo da guerra é atingir determinados fins políticos, os quais deveriam representar os interesses da sociedade, Gramsci aprofunda esse raciocínio, afirmando que estes fins políticos atendem – sobretudo e especialmente – a uma classe hegemônica dirigente e buscam o estabelecimento de um equilíbrio político. Isso é importante, pois empreendimentos políticos que resultam em fracasso podem gerar uma crise de hegemonia da classe dirigente (GRAMSCI, 2007, p. 60).

Compreende-se, então, que na visão de Gramsci, a origem das guerras está nas lutas entre grupos dominantes, mas que, ainda assim, envolvem a população inteira, uma vez que a visão de mundo na hegemonia burguesa converte-se em senso comum e orienta a massa a seguir essa concepção (CICCARELLI, 2017, p. 352). No texto pré-carcerário “Luta de Classes e Guerra”, Gramsci (1976) já demonstra, ainda que sutilmente, essa concepção que será posteriormente mais bem desenvolvida nos Cadernos:

E esta nação proletária, que é a unificação de todos os proletários do mundo, supera a nação do mesmo modo que Karl Marx, que nutria a sua lógica com a realidade histórica [...] do mesmo modo como a luta de classes, moral porque universal, supera a guerra, imoral porque particularista, e feita não por vontade dos combatentes mas por um princípios que estes não podem partilhar (GRAMSCI, 1976, p. 92).

E, mais uma vez, em outro trecho:

A classe operária de Turim foi arrastada para a luta; não tinha liberdade de escolha, não podia adiar o dia do conflito porque a iniciativa da guerra de classes pertence ainda aos capitalistas e ao poder do Estado burguês. Quem fala de “ilusões falazes” subentende que a classe operaria deve sempre dobrar o pescoço perante es capitalistas, subentende necessariamente que a classe operária deve persuadir-se de ser apenas uma manada de gado, um grupo de animais sem consciência e sem vontade, que a classe operaria deve persuadir-se de ser incapaz de ter uma concepção própria a contrapor a concepção burguesa, de ter noções, sentimentos, aspirações, interesses contraditórios às noções, aos sentimentos, às aspirações, aos interesses da classe burguesa (GRAMSCI, 1977, p 147)¹⁴.

Portanto, Gramsci critica essa ideia de que as classes subalternas devam seguir a visão de mundo burguesa, reproduzida dentro do senso comum, pois é esse pensamento que serve como motivação para o povo se comprometer em guerra, que não são, na verdade, suas. A partir disso, tendo a discussão de hegemonia como base, é que se observa uma reflexão mais complexa de Gramsci em relação a Clausewitz, principalmente, quanto à participação do povo na guerra e a relação com a direção da classe dominante.

Dessa forma, partindo dessa discussão sobre o papel da população, é levantada a questão psicológica da guerra. “Também a guerra em ato é ‘paixão’, a mais intensa e febril (...)” (GRAMSCI, 2007, p. 25). Gramsci, tal qual Clausewitz, reconhece a importância de se atentar para os aspectos psicológicos e morais tanto da população, quanto do próprio exército:

A questão se torna a ainda mais complexa e difícil nas guerras de posição, feitas por massas enormes que, só com grandes reservas de força moral, podem resistir ao grande desgaste muscular, nervoso, psíquico: só uma habilíssima direção política, que saiba levar em conta as aspirações e os sentimentos mais profundos das massas humanas, impede sua desagregação e desmantelamento (GRAMSCI, 2012, p. 103).

Nesse sentido, mais uma vez remete-se à concepção de hegemonia do autor, pois, ainda que um governo seja extremamente poderoso, não há como sustentar-se apenas pela força e, sobre isto, Gramsci propõe a superioridade do consenso sobre a coerção. Levar o povo à guerra é uma tarefa que exige das classes dirigentes não apenas a força, mas também o consenso, ou seja, é necessário criar a motivação para tal (GRAMSCI, 2007).

E, dessa forma, mais uma vez fica evidente como é essencial a direção política: “Quanto mais um exército for numeroso, no sentido absoluto, como massa recrutada, ou no sentido relativo, como proporção de homens recrutados sobre a população total, tanto mais aumenta a importância da direção política em relação à meramente técnico-militar” (GRAMSCI, 2012, p. 101). Afinal, o exército é constituído por homens pensantes que estão inseridos nas relações sociais e não mecânicas e automáticas.

Portanto, é possível observar como os estudos de Clausewitz foram fundamentais para o pensamento de Gramsci, ainda que na visão gramsciana, quanto ao nexos entre guerra e política, o autor envolve aspectos políticos estruturais, de forma a abarcar as

relações sociais, e mais especificamente, as relações de classe, que explicitam ainda mais o caráter político. Tendo, então, compreendido a guerra à luz desses aspectos, Gramsci desenvolve duas “categorias” de guerra que expressam, mais do que os duelos em si, mas as metáforas aos conflitos políticos.

GUERRA DE MOVIMENTO E GUERRA DE POSIÇÃO

Guerra de posição e guerra de movimento são conceitos complexos, considerando o contexto e toda a análise histórica que Gramsci faz para desenvolvê-los. Entretanto, a intenção deste trabalho não é fazer uma apresentação detalhada de ambos, mas apenas evidenciar como essas categorias de guerra demonstram de forma mais clara a guerra como uma representação política, tal qual apresentada anteriormente.

O autor italiano reconhece que os países ocidentais e orientais apresentam condições diferentes, de modo que pensar uma transição para o socialismo também exige que se siga estratégias diferentes em cada um deles.

Nas sociedades orientais existe uma debilidade da sociedade civil perante à sociedade política, isto é, nas palavras de Gramsci (2007, p.261), “(...) o Estado era tudo, a sociedade civil era primitiva e gelatinosa”, o que indicava uma grande desigualdade de forças. O modelo de guerra de movimento corresponde a um ataque frontal ao Estado com intuito de tomar o poder imediatamente tal qual ocorreu - e obteve êxito - na Rússia em 1917, a partir da estratégia de Lenin. Todavia, essa estratégia não foi bem sucedida em países de tipo ocidental, como exemplo na Alemanha em 1923, e Gramsci desenvolve isso partindo da concepção de guerra de posição.

As sociedades ocidentais são mais complexas, atuantes, em que há uma justa relação entre Estado e sociedade civil, protegidas por “trincheiras e de defesas políticas e ideológicas”, isto é, a estrutura maciças das democracias modernas formadas por organizações estatais, associações civis e todo o sistema organizativo do exército representam para a arte política uma forma de trincheira. O próprio Estado “era uma trincheira avançada, por trás da qual se situava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas” (GRAMSCI, 2007, p. 71, 261). Sendo assim, a luta deveria ser semelhante à “guerra de posição”, para ir minando aos poucos cada “trincheira” e cada defesa da classe dominante burguesa. A guerra de posição demanda de imensas massas da população, de modo que seja necessário um governo forte, mais intervencionista, com mais recursos e que tenha maior domínio sobre a coesão interna. Gramsci aponta que, nesses casos, uma vez que a guerra é vencida, é definitivamente decisiva (GRAMSCI, 2007, p. 24, 255).

Fica evidente, portanto, que ao falar de guerra de movimento e guerra de posição, Gramsci não se refere unicamente às condições estruturais da guerra, mas sim às questões políticas da sociedade e do Estado. Segundo Gramsci (2007, p.124): “a resistência passiva de Gandhi é uma guerra de posição, (...) o boicote é guerra de posição, as greves são guerras de movimento (...)”. Na realidade, Gramsci (2007, p. 72) afirma que não se pode escolher a forma de guerra que se quer, a não ser que tenha uma superioridade incalculável sobre o inimigo, mas o que ocorre é que depende da análise de forças dentro do momento histórico. Isto posto, evidencia-se como os estudos de Gramsci acerca da guerra direcionam-se à compreensão do fenômeno em um sentido mais próximo à esfera da política, acentuando, como através dos conceitos de guerra de movimento e guerra de posição, a luta política sobre a guerra em sentido militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram evidenciadas, então, pontos importantes dos pensamentos dos dois autores que permitem observar o diálogo entre eles. É evidente que é incomparável o estudo de guerra entre os dois, de modo que não há menor intenção de colocá-los em níveis semelhantes entre si. Enquanto Clausewitz observa questões mais relacionadas à natureza da guerra, se debruçando em aspectos como a questão da mobilização, de guerra absoluta e guerra real, dos fatores psicológicos da guerra e mesmo no assunto da mutabilidade da guerra e o seu nexos com a política, Gramsci se concentra, principalmente, na visão da guerra a partir da filosofia da práxis, isto é, da ótica das relações político-sociais da sociedade, tanto doméstica, quanto no nível internacional.

Essa concepção de guerra representada como disputa política é mais bem evidenciada na conceituação de guerra de movimento e guerra de posição, visto que além do aspecto militar, Gramsci está se referindo, principalmente, ao aspecto político. Clausewitz, por outro lado, também usa da política como um elo que une a guerra absoluta à guerra real, através da dualidade da guerra. No entanto, tratam-se de conceitos diferentes. Contudo, não é só na questão da relação entre guerra e política que os autores dialogam, mas também em outras questões, como exemplo, no aspecto psicológico.

Portanto, é inegável que Clausewitz tenha servido de influência para Gramsci, mas, pela falta de contato direto com a obra do autor, coloca-se uma limitação da discussão. Além disso, considerando as particulares da conjuntura vivida por cada autor e das suas diferenças, um enquanto general do exército prussiano e o outro enquanto político encarcerado em pleno fascismo, observa-se as distinções no próprio entendimento sobre política e sobre direção do Estado. Ainda assim, é concludente a influência do pensamento clausewitziano na compreensão de guerra segundo a perspectiva gramsciana.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. *Pensar a Guerra, Clausewitz: a era planetária*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

CICCARELLI, Roberto. Guerra; Guerra de Posição; Guerra de Movimento. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 352-360.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, s.d.

_____. *Vom Kriege*. Dortmund: AREA, 2003

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci: Ensaio de teoria política**. São Paulo: Boitempo, 2011. 179 p.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3: Maquiavel. Notas sobre o estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Cadernos do Cárcere. Vol. 5: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. Escritos Políticos. Vol. 1. Lisboa: Seara Nova, 1976.

_____. Escritos Políticos. Vol.2. Lisboa: Seara Nova, 1977.

HOWARD, Michael. Clausewitz. Oxford: Oxford University, 1983.

LENIN, V. Obras póstumas del general Carl Von Clausewitz acerca de la conduccion de la guerra. In: ARICÓ, J.; GÓMEZ, J. T.; SILBERBERG, M. I. (Org.): Clausewitz en el pensamiento marxista - Lenin, Ancona, Braun, Razin, Stalin, Engelberg, Korfes. Cuadernos de Pasado y Presente, México, v. 75, p. 51-98, 1979.

LUTZ, Karl-heinz; RINK, Martin; VON SALISCH, Marcus (Ed.). Reform-Reorganisation-Transformation: Zum Wandel in deutschen Streikkräften von den preußischen Heeresreformen bis zur Transformation der Bundeswehr. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag GmbH, 2010.

PARET, Peter. A Gênese de Da Guerra In: _____ CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, s.d.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. Gramsci, Clausewitz, Guerra e Política. **Informe Econômico**, Piauí, v. 31, p.103-108, maio 2014a.

_____. Hegemonia Internacional no Século XXI em Perspectiva Gramsciana: Um esboço sobre o papel dirigente das Classes e Grupos Sociais. In: PASSOS, Rodrigo D. F. et al. **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**. Marília: Cultura Acadêmica, 2014b. p. 93-112.

_____. **Clausewitz e a Política**, uma leitura da obra “Da Guerra”, Ijuí: Unijuí, 2014c

_____. Uma leitura sobre Lenin, Clausewitz, a revolução e a guerra. **Outubro. Revista do Instituto de Estudos Socialistas**, São Paulo, n.20 , p.149-169, 2012.

REED, Donald J.. **Why Strategy Matters in the War on Terror**. Homeland Security Affairs, Monterey, v. 2, n. 3, p.1-24, out. 2006.

STRACHAN, Hew. Sobre a Guerra de Clausewitz, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SOUCHON, Lennart. Romantik, Deutscher Idealismus, Hegel und Clausewitz. Hamburg: Führungsakademie der Bundeswehr, 2007.

TROTSKY, L. Problemas da guerra civil. Lisboa: Antídoto, 1977.

NOTAS

1 Bacharela em Relações Internacionais. Mestra em Ciências Sociais. Doutoranda em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Email: carolina.moneia@unesp.br . ORCID 0000-0001-6577-0696 .

- 2 É sabido que apenas o capítulo I do livro I foi revisado pelo autor. Segundo Aron (1986, p. 103-4): “O capítulo I do livro I ganha do resto do livro pelo rigor da análise, pela perfeição da forma. Ele nos permite imaginar o que teria sido a obra se o escritor tivesse continuado seu trabalho alguns anos mais”. Clausewitz tinha a intenção não só de revisar a sua obra completa, como se dedicar a um nono livro para a temática da guerra absoluta. Todavia, o adoecimento e morte por cólera não permitiu que este trabalho fosse feito (STRACHAN, 2008, p. 71).
- 3 Sobre isso, Clausewitz escreveu: “Nós encerramos aqui nossa visão histórica, a qual nós não a concebemos a fim de atribuir alguns princípios da guerra para cada época, mas apenas para mostrar como cada período teve sua própria guerra, suas próprias condições restritivas e suas próprias acepções. Portanto, cada época manteria também sua própria teoria de guerra, mesmo quando, cedo ou tarde, em toda parte, houvesse o desejo de formulá-la sob princípios filosóficos” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 457, tradução livre).
- 4 Ver PASSOS (2012).
- 5 Referência a “§ 50. Maquiavel. [...] O ataque se esgota, ao avançar; por isso, a vitória deve ser procurada, na maior medida possível, nas proximidades do ponto de partida” (*Le tre battaglie de! Piave*, p. 244). Máxima semelhante em Clausewitz [181]” (GRAMSCI, 2007, p. 353).
- 6 Segundo a nota 181 dos comentadores (GRAMSCI, 2007, p. 418): “Também mencionada no parágrafo, a máxima de Clausewitz está reproduzida no livro de Emílio Canevari (cf., supra, § 42): ‘Se a ofensiva ultrapassa o ponto culminante do ataque sem ter conseguido seu objetivo, a inversão de forças que se verifica gera uma reação muito mais eficaz do que o ataque’”.
- 7 GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 5: *O Risorgimento*. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- 8 Uma das lições mais importantes que Clausewitz aprendeu com Scharnhorst foi justamente a percepção de que a força do exército francês estava diretamente relacionada com a transformação da sociedade (HOWARD, 1983, p. 7).
- 9 No original: “*how it is possible that each singular and particular war is equally infused with this paradox?*” (CORMIER, 2016, P. 124).
- 10 Referência ao título do item 24 do capítulo I, Livro I, no original: “*Der Krieg ist eine bloÙe Fortsetzung der Politik mit anderen Mitteln*” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 27)
- 11 No original: “*DaÙ die Politik alle Interessen der inneren Verwaltung, auch die der Menschlichkeit, und was sonst der philosophische Verstand zur Sprache bringen könnte, in sich vereinigt und ausgleicht, wird vorausgesetzt; denn die Politik ist ja nichts an sich, sondern ein bloÙer Sachwalter aller dieser Interessen gegen andere Staaten. DaÙ sie eine falsche Richtung haben, dem Ehrgeiz, dem Privatinteresse, der Eitelkeit der Regierenden vorzugsweise dienen kann, gehört nicht hierher; denn in keinem Fall ist es die Kriegskunst, welche als ihr Präzeptor betrachtet werden kann, und wir können hier die Politik nur als Repräsentanten aller Interessen der ganzen Gesellschaft betrachten*” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 469).
- 12 No original, “*Der Krieg ist ein Akt des menschlichen Verkehrs*”. (CLAUSEWITZ, 2003, p. 86)
- 13 No original: “*Wenn es also, um zur Hauptsache zurückzukehren, auch wahr ist, daÙ bei der einen Art Krieg die Politik ganz zu verschwinden scheint, während sie bei der anderen Art sehr bestimmt hervortritt, so kann man doch behaupten, daÙ die eine so politisch sei wie die andere; denn betrachtet man die Politik wie die Intelligenz des personifizierten Staates, so muÙ unter allen Konstellationen, die ihr Kalkül aufzufassen hat, doch auch diejenige begriffen sein können, wo die Natur aller Verhältnisse einen Krieg der ersten Art bedingt. Nur insofern man unter Politik nicht eine allgemeine Einsicht, sondern den konventionellen Begriff einer der Gewalt abgewendeten, behutsamen, verschlagenen, auch unredlichen Klugheit versteht, könnte die letzte Art des Krieges ihr mehr angehören als die erstere*” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 16).
- 14 Refere-se ao momento de greve geral em Turim e Piemont, envolvendo meio milhão de operários e camponeses (GRAMSCI, 1977, p 147).

Recebido em 7 de setembro de 2021

Aceito em 8 de outubro de 2021

Editado em novembro de 2021